



José Cardoso Pires

CONVERSÇÕES NO NEVOEIRO

Mrs. Barryman, a minha senhoria de Londres, vivia com um periquito que andava à solta pela casa e que, quando ouvia falar um hóspede, o mandava calar com um "Stop it! Stop it!" carregado de desprezo.

Com o cinismo que é próprio destes pássaros de saleta, o periquito da minha "landlady" pronunciava aquela ordem de maneira tão velhaca que não se percebia lá muito bem se, em vez de "stop it", nos chamava "stupid", pura e

Em Londres, quer à noite, quer de dia, todos os estrangeiros são pardos, por causa do tal nevoeiro que se diz reinar por lá. Vendo bem, foi nessa névoa que se abrigou Dougie para desabafar a sua ira de irlandês e fazer dela uma gargalhada.

simplesmente. Mrs. Barryman que, além de proprietária, tinha uma indiferença nebulosa pelo universo que ficava fora das ilhas britânicas, parecia ignorar este insulto aos seus hóspedes, que eram todos estrangeiros e nenhum deles anglicano. Na verdade, naquela casa viviam dois funcionários meditados da embaixada do Irão, um uruguaio que bebia chá-mate, envolto em fumo, uma bailarina fugida à "cortina de ferro", um argentino em pose de aristocrata e, naturalmente, este português que por acaso até era da pátria do vinho da Madeira que a dona da casa bebia com as amigas nas reuniões dos sábados à tarde.

"Mr. Pires", perguntou-me ela um dia com

a maior tranquilidade, "no Algarve os turistas também vão à caça aos tubarões?"

Respondi-lhe que, ora essa, porque não — e acrescentei que, no Algarve, os tubarões, "silver sharks" de barbatana afiada, eram feras de Verão e costumavam aparecer com as chegadas dos voos "charter". Por sinal, vinham da Inglaterra, desviados da corrente do Golfo; e, ao ouvir isto, Mrs. Barryman lançou-me um sorriso divertido:

"Tubarões na Inglaterra?"

Ela, que para lá do canal da Mancha só entrevia uma Europa povoada de francesas libertinas, de espanhóis em "traje de luces", de italianos a trinar Rossini e de teutões a arrotar cerveja, ela, inglesa convicta e devota da Rainha, desconhecia que na sua própria pátria, e mais concretamente no mar da Cornualha, havia realmente tubarões, que não eram figuras de fábula nem de conversa para entreter.

Afirmei-lhe que sim, que eu próprio os tinha visto. E precisei que frequentavam exactamente a costa onde o pirata real Sir Francis Drake tinha o seu porto de abrigo. O mesmo Francis Drake que descera um dia da Inglaterra para entrar no Algarve numa algazarra de bombardas.

As minhas conversações com a senhora Barryman tinham lugar na sua saleta com janela para Fulham Road, em pleno South Kensington. Ali perto ficava o Markham Arms, o "pub" onde um certo Dougie de nariz quebrado me servia o "whisky" do fim da tarde com conversas esvoaçadas sobre os casos do dia e os azares do futebol. Este Dougie percorria o balcão com ditos e apartes para a clientela habitual, mas tinha uma visão tão melancólica de Londres e das generalidades

da vida como aquela que dá a cerveja morta em horas de solidão.

Uma tarde, estava eu com um amigo de Lisboa, entrou no "pub" um egípcio ou coisa assim, de bigodada negra, camisa de seda e a faiscar de brilhantes, que perguntou por um isqueiro de ouro que ainda há pouco tinha esquecido numa mesa. Dougie foi lá dentro ao escritório para se informar e comunicou que infelizmente nada feito: não havia notícia do isqueiro transviado.

Caramba, o que tu foste dizer. O "faruk" iluminou-se todo a petrodólares, ameaçou com a embaixada, cresceu de arrogância, acusou os ingleses de falta de segurança, de desprezo pelo mundo circundante, pelas leis da hospitalidade e por tudo e por muito mais, e o Dougie sempre a ouvir sem pestanejar. Até que levantou a mão e pôs ponto final na conversa:

"Look, mister", disse então. "Os ingleses não roubam isqueiros, roubam países."

O meu amigo de Lisboa delirou. Oh, o humor britânico. E citou Wilde e Evelyn Waugh.

Só que ele não sabia que Dougie, como muitos empregados dos "pubs" londrinos, era irlandês e não britânico e daí o duplo humor da sua resposta ao "faruk" indignado. É que em Londres, quer à noite, quer de dia, todos os estrangeiros são pardos, por causa do tal nevoeiro que se diz reinar por lá. Vendo bem, foi nessa névoa que se abrigou Dougie para desabafar a sua ira de irlandês e fazer dela uma gargalhada. Era nessa turvação, nessa distância, que se fechavam também Mrs. Barryman mais o seu periquito insultador, para permanecerem intocáveis numa colmeia de estrangeiros portadores de mistérios de que era melhor nem ouvir falar.

"Stop it! Stop it!" ●